



Libertados do pecado: Uma análise de Romanos 6:15-23

 EDCARLOS V. MENEZES*¹

Resumo: Uma das grandes contribuições da Epístola de Paulo aos Romanos é a luz que ela lança sobre o status e o modo de vida do cristão no novo ambiente salvífico provido pela graça de Deus em Cristo. Paulo discute essa questão nos capítulos 5-8 de sua epístola, onde formula e responde perguntas de grande relevância a respeito da justificação pela fé e da nova vida em Cristo. Nesse contexto aparece uma das declarações mais intrigantes da carta. O apóstolo afirma que o crente em Cristo já foi “libertado do pecado” (6:18, 22). Qual o sentido dessa declaração? O que significa estar livre do pecado no contexto dessa passagem? O presente estudo aborda essas questões da perspectiva do método close reading, a fim de elucidar o significado da expressão ἐλευθερωθέντες δὲ ἀπὸ τῆς ἁμαρτίας e suas implicações para a vida prática do cristão. A análise do contexto literário, linguístico e sociocultural do texto, bem como dos temas e palavras nele presentes, aponta para a cruz de Cristo como o evento da libertação.

Palavras-chave: Lei; Pecado; Graça; Salvação; Justificação; Santificação.

.....
¹ Doutorando em Teologia, com especialização em Novo Testamento, pela Universidad Adventista del Plata, Argentina. E-mail: edcarlos.menezes@adventistas.com.

***Autor correspondente**

Data de submissão: 20/04/2021

Data de aceitação: 20/11/2021

Como citar:

MENEZES, E. V. Libertados do Pecado: Uma Análise de Romanos 6:15-23. *Kerygma*, v. 16, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v16.n2.p11-22>



Set free from sin: An analysis of Roman 6:15-23

Abstract: One of the great contributions of Paul's Epistle to the Romans is the light it sheds on the Christian's status and way of life in the new salvific environment provided by the grace of God in Christ. Paul discusses this issue in chapters 5-8 of his epistle, where he asks and answers questions of great relevance regarding justification by faith and new life in Christ. In this context appears one of the most intriguing statements in the letter. The apostle claims that the believer in Christ has already been "set free from sin" (6:18, 22). What is the meaning of this statement? What does it mean to be free from sin in the context of this passage? The present study addresses these issues from the perspective of the close reading method, to elucidate the meaning of the expression *ἐλευθερωθέντες δὲ ἀπὸ τῆς ἀμαρτίας* and its implications for the practical life of the Christian. The analysis of the literary, linguistic, and sociocultural context of the text, as well as the themes and words present in it, point to the cross of Christ as the event of liberation.

Keywords: Law; Sin; Grace; Salvation; Justification; Sanctification.

A Epístola de Paulo aos Romanos é um dos documentos mais importantes da literatura cristã primitiva. Sobretudo porque, nela, esse apóstolo de Jesus Cristo expôs os grandes princípios do evangelho, não somente do ponto de vista teórico, mas também prático. [Ellen G. White \(2006, p. 374\)](#), realmente, estava correta quando afirmou que "cada cristão tem motivos para agradecer a Deus pela Epístola aos Romanos". Uma das razões para essa gratidão é, sem dúvida, a luz que essa carta lança sobre o status e o modo de vida do cristão, no novo ambiente salvífico provido pela graça de Deus em Cristo.

Paulo discute essa questão mais profundamente nos capítulos 5-8 de Romanos, onde formula e responde perguntas de grande relevância a respeito da justificação pela fé e da nova vida em Cristo. É justamente nesse contexto que aparece uma das declarações mais intrigante da carta. O apóstolo afirma que os crentes em Cristo já haviam sido "libertados do pecado" (6:18, 22).² Qual o sentido dessa declaração? O que, de fato, significa estar livre do pecado no contexto dessa epístola?

O objetivo deste artigo é responder essas perguntas. Será feita uma tentativa de captar o significado da expressão "libertados do pecado" e suas implicações para a vida prática do cristão à luz dos contextos literário, sociocultural e linguístico da Epístola aos Romanos. Serão feitas breves observações sobre os principais pontos de vista acerca do significado dessa expressão, as quais serão seguidas por um close reading da perícopa.³ A análise do contexto literário, linguístico e sociocul-

.....
² A menos que haja uma indicação ao contrário, todas as citações do texto bíblico em português são da Nova Almeida Atualiza.

³ O método close reading, como o próprio título sugere, é uma leitura atenta e cuidadosa de uma peça literária. Nessa abordagem, o leitor considera algumas características do texto, tais como: o seu tipo literário, sua estrutura, os limites da passagem, a ocasião em que foi escrito, as perspectivas do autor e do seu público original, bem como o uso que o autor faz de conceitos e palavras importantes em sua argumentação. Para mais sobre essa abordagem, ver: Fisher-Frey (2014); Couey-James (2018).

tural do texto, bem como dos temas e palavras nele presentes, aponta para a cruz de Cristo como o evento da libertação.

As principais interpretações

Nomes de peso na erudição paulina não são unânimes ao comentar o que a declaração “libertados do pecado” significa nesse contexto. Para [Cranfield \(2004\)](#), Paulo está falando do aspecto forense da justificação. Ou seja, o texto aborda o assunto da condição do cristão no novo ambiente da graça. Entretanto, outros, como [Westfall \(2018\)](#), [Witherington e Hyatt \(2004\)](#) rejeitam essa ideia, afirmando que o texto lida com a conduta moral do cristão. Segundo eles, o tom ético da discussão é claramente percebido pelas referências à obediência presentes no texto. Há ainda outros, como [Morris \(1988\)](#) e [Shedd \(2001\)](#), que tentam conciliar essas duas opiniões afirmando que a expressão significa liberdade de todos os aspectos do pecado. Nessa perspectiva, o ato da libertação é visto como um processo que envolve tanto a justificação como a santificação.

Cada uma dessas posições carrega implicações práticas para a vida do cristão. Se, por um lado, a ideia de que Paulo está falando apenas de justificação pode levar ao liberalismo, com sua falta de compromisso com uma vida de obediência e vitória sobre o pecado; por outro lado, o ponto de vista de que o texto fala apenas da conduta moral pode conduzir ao legalismo e/ou a uma perspectiva perfeccionista, o que é igualmente prejudicial.⁴ Diante disso, unir as duas opiniões seria uma forma de evitar essas dificuldades. Entretanto, essa abordagem não seria gramaticalmente possível, pois, como será mostrado a seguir, embora a justificação e a santificação estejam intimamente relacionadas ao ato da libertação, esses eventos são descritos como distintos e ocorrendo em momentos específicos no contexto da passagem. Assim, outra explicação que evite os problemas mencionados acima deve ser buscada.

Delimitações da perícope

Romanos 6 está organizado em dois blocos principais de argumentação. Cada bloco é iniciado por uma diatribe que antecipa um possível questionamento por parte do leitor da epístola.⁵ O texto sob análise faz parte do segundo bloco (6:15-23). [Umbach \(1999\)](#) sugere corretamente que essa passagem apresenta a vida cristã a serviço da justiça. Nela, Paulo desenvolve sua analogia da escravidão de modo a levar seus leitores à compreensão de que sua mensagem sobre a graça superabundante de Deus não isenta o crente da obediência à lei.

.....
⁴ No contexto do debate sobre perfeição bíblica e perfeccionismo, Romanos 6:12-23 é um texto frequentemente usado para defender a ideia de que devemos alcançar uma vitória absoluta sobre o pecado.

⁵ A diatribe é um recurso retórico muito comum na literatura do período greco-romano. De acordo com Schreiner (2011), o principal traço característico desse recurso é sua natureza dialógica ou conversacional, onde o escritor antecipa uma possível objeção ao seu argumento, coloca a objeção nas palavras do leitor e oferece uma resposta. A partir do capítulo 2 de Romanos, Paulo utiliza diatribes em lugares significativos da sua argumentação (2:1-5, 17-29; 3:19, 27-4:25; 6:1-16; 9:19-21; 11:17-24; 14:4-10). Para Bultmann (1910), as diatribes de Romanos devem ser vistas como expressões de polêmica, ou seja, são ataques de Paulo ao legalismo dos judaizantes. Stowers (1988, p. 81-82), porém, argumenta de forma convincente contra essa compreensão, afirmando que o estilo dialógico paulino “é pedagógico e hortatório, em vez de polêmico”. Ele assevera que o interlocutor hipotético de Paulo não deve ser considerado como um oponente, mas como alguém que está sob a pedagogia do professor. Para mais sobre a retórica de Paulo em Romanos, ver: Stowes (1981; 1984; 1988); Porter (1991); Lamp (2005); Sampley-Lampe (2010); Lee (2010).

[Stowers \(1988\)](#) notou que, no estilo diatribico, as objeções frequentemente reagem a proposições básicas imediatamente precedentes. Isso significa que Paulo constrói suas diatribes com base em sua argumentação anterior. Dessa forma, a diatribe em 6:1 reage a uma proposição básica apresentada em 5:20, enquanto a de 6:15 é uma reação ao argumento de 6:14. O uso das diatribes aqui marca os limites das duas perícopes presentes no capítulo, conforme apresenta o esquema abaixo.

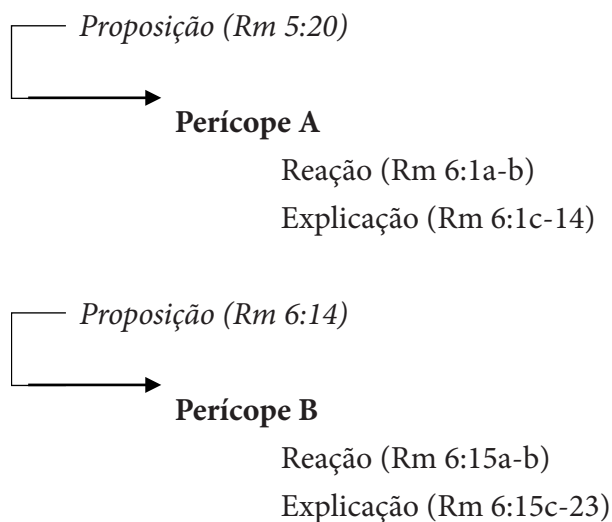


Gráfico 1: As duas perícopes de Romanos 6

Fonte: elaborado pelo autor.

Estrutura literária

Em termos literários, a perícope de Romanos 6:15-23 forma um *inclusio*.⁶ O texto está emoldurado pelos substantivos *χάρις* no verso 15 e *χάρισμα* no verso 23. [Viard \(2007\)](#) mostrou que essa passagem apresenta um paralelismo antitético recorrente, organizado quiasticamente a partir dos versos 16b-23, conforme pode ser notado no esquema abaixo.⁷

.....
⁶ Um *inclusio* é um dispositivo literário, também conhecido como “estrutura de envelope”, que emoldura uma unidade com o mesmo tema ou palavra usados no início e no fim da seção (KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 267).

⁷ A edição do NT grego usada neste estudo é a Nestle-Aland 28.



- Diatribes:** ^{15a-b} Τί οὖν; ἀμαρτήσωμεν, ὅτι οὐκ ἐσμὲν ὑπὸ νόμον ἀλλ' ὑπὸ χάριν;
- Tese:** ^{15c-16a} μὴ γένοιτο. Οὐκ οἶδατε ὅτι ᾧ **παραστήσατε** ἑαυτοὺς δούλους εἰς ὑπακοήν, δούλοι ἐστε ᾧ ὑπακούετε,
- A1** ^{16b} ἦτοι ἀμαρτίας εἰς θάνατον
- A2** ^{16c} ἢ ὑπακοῆς εἰς δικαιοσύνην;
- B1** ¹⁷ χάρις δὲ τῷ θεῷ ὅτι ἦτε δούλοι τῆς ἀμαρτίας ὑπηκούσατε δὲ ἐκ καρδίας εἰς ὃν παρεδόθητε τύπον διδασχῆς,
- B2** ¹⁸ ἐλευθερωθέντες δὲ ἀπὸ τῆς ἀμαρτίας ἐδουλώθητε τῇ δικαιοσύνῃ.
- C1** ^{19a} Ἄνθρωπινον λέγω διὰ τὴν ἀσθένειαν τῆς σαρκὸς ὑμῶν. ὥσπερ γὰρ **παραστήσατε** τὰ μέλη ὑμῶν δοῦλα τῇ ἀκαθαρσίᾳ καὶ τῇ ἀνομίᾳ εἰς τὴν ἀνομίαν,
- C2** ^{19b} οὕτως νῦν **παραστήσατε** τὰ μέλη ὑμῶν δοῦλα τῇ δικαιοσύνῃ εἰς ἁγιασμόν,
- B1'** ²⁰⁻²¹ ὅτε γὰρ δούλοι ἦτε τῆς ἀμαρτίας, ἐλεύθεροι ἦτε τῇ δικαιοσύνῃ. Τίνα οὖν καρπὸν εἶχετε τότε; ἐφ' οἷς νῦν ἐπαισχύνεσθε, τὸ γὰρ τέλος ἐκείνων θάνατος.
- B2'** ²² νυνὶ δὲ ἐλευθερωθέντες ἀπὸ τῆς ἀμαρτίας δουλωθέντες δὲ τῷ θεῷ ἔχετε τὸν καρπὸν ὑμῶν εἰς ἁγιασμόν, τὸ δὲ τέλος ζωὴν αἰώνιον.
- A1'** ^{23a} τὰ γὰρ ὀψώνια τῆς ἀμαρτίας θάνατος,
- A2'** ^{23b} τὸ δὲ χάρισμα τοῦ θεοῦ ζωὴ αἰώνιος ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ τῷ κυρίῳ ἡμῶν.

Gráfico 2: Estrutura literária de Romanos 6:15-23

Fonte: adaptado de Viard (2007, p. 109).

Essa estrutura destaca o ponto principal no desenvolvimento retórico de Paulo nessa passagem. O versículo 15a-b apresenta duas questões introdutórias, e os versos 15c-16a constituem a tese da perícopie. Os versos 17-18 e 20-22 contrastam a vida dos crentes antes e depois de terem sido libertos do pecado. O clímax do quiasma está no verso 19, onde Paulo enfatiza a santificação, ou seja, a participação ativa do crente na justiça de Deus, por meio da obediência. [Viard \(2002; 2007\)](#) observou que o que caracteriza esse verso é a retomada do verbo *παραστήσατε*, diretamente da tese. Assim, os leitores da carta são convidados a agir pela justiça da mesma forma em que costumavam fazer pelo pecado.

Contexto sociocultural

A sociedade greco-romana era uma sociedade patronal. [DeSilva \(2000, p. 666-671\)](#) nota que no período do NT a sociedade estava estruturada em um sistema de favorecimento e lealdade, onde as relações eram estabelecidas entre iguais sociais (tecnicamente chamados amigos) e desiguais sociais (patrono e cliente). Visto que a riqueza estava nas mãos de poucos, a maioria das pessoas buscava o patrocínio daqueles que estavam em melhor condição. Os patronos forneciam os dons, e os clientes se obrigavam a manifestar sua gratidão ao patrono, divulgando o favor recebido e prestando-lhe serviços, o que contribuía para o aumento de seu poder e reputação.⁸ Havia também a figura do corretor ou mediador, um patrono cujo principal favor ao cliente era o acesso a um patrono mais poderoso.⁹ Assim, os laços mútuos de favor e dívida na relação patrono-cliente-corretor eram a cola que mantinha a coesão social no mundo greco-romano.¹⁰

Em Romanos 5-8, Paulo utiliza metáforas e vocabulário extraídos da relação patronal.¹¹ Um exemplo disso é o uso que ele faz da palavra χάρις (graça) na perícope sob análise. Esse é um termo central na literatura grega para expressar a dinâmica da relação patrono-cliente.¹² Nessa seção, Cristo é descrito como o “Corretor” divino que intermedeia a concessão da graça (χάρις) de Deus aos seus “clientes” humanos. Em Romanos 6:15-23, o uso de χάρις e χάρισμα, emoldurando a perícope em uma estrutura de envelope, sugere que tudo que está nos limites dessas palavras deve ser interpretado à luz do dom da graça de Deus, oferecida ao mundo através de Cristo.¹³ A resposta humana apropriada a essa concessão da graça é uma atitude de gratidão e lealdade absolutas, expressas através de uma entrega do coração a Deus, o “Patrono” celestial.

O significado de Romanos 6:15-23

Lei, pecado e graça

Essa perícope explica a correlação entre lei, pecado e graça, mencionados anteriormente. Isso pode ser notado na pergunta introdutória e em sua resposta: “E então? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!” (6:15). O uso do subjuntivo aoristo, ἀμαρτήσωμεν; (“havemos de pecar?”), indica que a questão é sobre a possibilidade

.....
⁸ Os dons oferecidos pelo patrono podiam ser, entre outras coisas, dinheiro, terra, grãos, emprego e mesmo a possibilidade de ascensão profissional ou social. Para mais detalhes, ver: [DeSilva \(2000, p. 666-671\)](#); [Venturini \(1998-1999\)](#).

⁹ A carta 4 de Plínio, o Jovem, a Trajano ilustra a forma como o corretor atuava. Nela, Plínio pede a concessão de um cargo senatorial a Vocônio Romano, um amigo de infância. Ele se dirige a Trajano como um cliente que se dirige a seu patrono e pede um favor para Vocônio. Plínio oferece sua própria reputação como uma garantia do caráter de seu cliente. Ao mesmo tempo que contraía uma dívida com seu patrono ou amigo, o corretor aumentava sua própria honra com o endividamento de seu cliente ([STADLER, 2018, p. 15-16](#)). Um exemplo de corretagem no NT aparece na Carta de Paulo a Filemom, onde ele aborda seu *amigo* Filemom em nome do seu novo *cliente*, Onésimo (Fm 17-18).

¹⁰ Nesse contexto, a gratidão era uma virtude essencial, e a ingratidão era o principal pecado social e político. [Westfall \(2018, p. 93\)](#) afirma que o princípio de reciprocidade da relação patronal “permeava todos os níveis da sociedade e das relações, de César ao escravo”.

¹¹ Muitos eruditos falharam em perceber esse ponto. Entretanto, [Tannehill \(2006\)](#), [Jewett, Kotansky e Epp \(2006\)](#) e [Westfall \(2018\)](#) têm chamado a atenção para esse importante *background* sociocultural.

¹² O termo χάρις poderia se referir (1) à disposição do patrono de conceder um dom ou favor ao cliente, (2) ao próprio dom ou benefício conferido ou (3) à gratidão ou retribuição adequada do cliente ao seu patrono. O termo engloba todos os três sentidos e é definido pelo contexto onde aparece.

¹³ Nesse contexto, χάρις e χάρισμα chamam a atenção para a generosidade da doação que Deus fez em Cristo e enfatizam sua boa vontade para com os seres humanos ([TURNER, 1995, p.160](#)).

de experimentar o pecado como um ato ocasional.¹⁴ Essa expressão faz um contraponto com 6:1, ἐπιμένωμεν τῇ ἁμαρτίᾳ; (“Continuaremos no pecado?”), onde o subjuntivo presente ἐπιμένωμεν indica a continuidade na prática do pecado. O ponto em questão não é se alguém continuará pecando, mas se é moralmente aceitável continuar praticando o pecado após ter sido transferido para o domínio da graça. A resposta de Paulo é um categórico μὴ γένοιτο (“de modo nenhum!”).

Com essa resposta, ele pretende deixar claro que a graça de Deus não deve, de forma alguma, ser uma desculpa legítima para o pecado, mesmo que seja um ato ocasional. A razão para isso é que o batismo marca um ponto de transição no modo de vida do crente. Agora ele deve se considerar morto para o pecado (6:11). Assim, a graça não deve ser vista como permissão para transgredir a lei. Em vez disso, ela é o ponto de partida para uma nova vida de obediência e santificação. A resposta de Paulo, portanto, evidencia o ponto principal da questão, a saber, que no novo reino da graça, a obediência não só é possível, mas também esperada. Não é possível conciliar graça e pecado, pois continuar pecando após ter sido transferido para o domínio da graça negaria o propósito da graça, que é libertar do pecado.

O ato da libertação

O apóstolo busca esclarecer esse ponto formulando outra pergunta retórica, a qual funciona como a tese de toda a perícopre: “Será que vocês não sabem que, ao se oferecerem como servos para obediência, vocês são servos daquele a quem obedecem, seja do pecado, que leva à morte, ou da obediência, que conduz à justiça?” (6:16). Com essas palavras, Paulo introduz a ilustração com a qual pretende esclarecer o que significa estar debaixo da graça. Ele usa o tema da escravidão, bastante familiar aos seus leitores, para alcançar esse objetivo. Como Moffatt (1929) observou, nesse verso o pecado e a justiça são quase que personificados como os dois senhores rivais da vida: aquele a quem o indivíduo se oferece (παρίστημι) para obediência será o senhor que lhe governará.¹⁵

Para fundamentar sua tese, Paulo descreve a situação dos crentes romanos nos seguintes termos: “Mas graças a Deus que, tendo sido escravos do pecado, vocês vieram a obedecer de coração à forma de doutrina a que foram entregues. E, uma vez libertados do pecado, foram feitos servos da justiça” (6:17-18). O texto primeiramente descreve a antiga condição dos crentes romanos, antes da conversão. Eles viviam escravizados ao pecado. O uso do imperfeito estativo ἦτε na frase ἦτε δούλοι τῆς ἁμαρτίας (“tendo sido escravos do pecado”) revela que eles haviam se entregado à prática do pecado e viviam numa contínua condição de escravidão a ele.¹⁶

O senhorio do pecado, porém, foi quebrado, o que possibilitou a submissão voluntária deles a Deus, por uma vida de obediência à lei, que se reflete na entrega (παρίστημι) de coração ao novo modelo (τύπον) de vida proposto pelos ensinamentos do evangelho. No verso 18, o particípio aoristo ἐλευθερωθέντες (“libertados”) sugere que a libertação do pecado ocorreu antes de eles fazerem essa entrega.¹⁷ É crucial notar que tanto o particípio ἐλευθερωθέντες como o aoristo

.....

¹⁴ Da perspectiva do autor, o modo subjuntivo é o modo da projeção de ações ou estados (MATHEWSON; EMIG, 2016).

¹⁵ Para o debate acerca da natureza do pecado em Romanos, ver: Röhser (1987); Umbach (1999); Carter (2005).

¹⁶ O imperfeito descreve uma ação que ocorria continuamente. Ver: Wallace (2000), p. 235-236; Black (1998, 105-106).

¹⁷ O particípio aoristo sugere um tempo antecedente ao do verbo principal, nesse caso, o aoristo ativo ὑπακούσατε (“vocês vieram a obedecer”) e o aoristo passivo παρεδόθητε (“foram entregues”) do verso 17. Para mais detalhes sobre o uso do particípio aoristo, ver: Wallace (2000), p. 239.

indicativo ἐδουλώθητε são passivos, indicando que tanto sua libertação do pecado como sua submissão à justiça foram operadas por Deus.¹⁸ Levando-se em conta que o contexto da passagem sugere que a transferência de lealdade e senhorio ocorreu no momento do batismo (cf. 6:2-11), deve-se buscar, como evento da libertação, algo que tenha ocorrido antes do batismo dos crentes romanos e tenha sido operado por Deus. Apenas um evento se encaixa no contexto, a morte de Jesus. Como ilustrado no gráfico abaixo, o texto sugere que foi por meio desse evento que Deus operou a libertação.

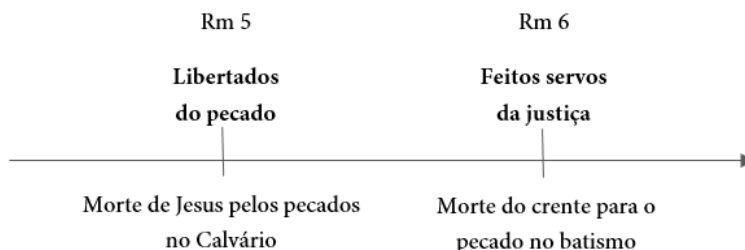


Gráfico 3: O ato da libertação e a resposta humana apropriada

Fonte: elaborado pelo autor.

Note-se que 6:1-14 está fundamentado na morte de Jesus, que trouxe graça superabundante sobre a humanidade (5:12-20). Em 6:2-11, Paulo apresenta a analogia do batismo para fundamentar teologicamente sua negativa enfática à pergunta se seria ou não possível permanecer no pecado para que a graça fosse mais abundante (6:1). Seu argumento é que, por meio do batismo, o cristão participa da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (6:2-6) e essa experiência deveria produzir uma nova vida, caracterizada não mais pela prática voluntária do pecado, mas pela comunhão com Cristo e pela prática contínua da justiça (6:7-8). Da mesma forma que Cristo morreu para o pecado e ressuscitou para Deus, quebrando o domínio do pecado e da morte, aqueles que, por meio desse evento, foram transferidos para o domínio da graça também devem se considerar mortos para o pecado e vivos para Deus (6:9-11). Assim, em Romanos 6:1-14, Paulo apresenta uma vida de obediência à lei de Deus como a resposta apropriada à morte de Cristo.

Ser livre sendo escravo

[Westfall \(2018, p. 97\)](#) observou que a liberdade do pecado não resulta em autonomia, nem na liberdade de pecar, mas numa mudança de lealdade. Assim, essa períclope adverte contra o retorno ao antigo estado de escravidão ao pecado, mostrando que existem apenas duas alternativas disponíveis: escravidão ao pecado ou a Cristo ([JEWETT; KOTANSKY; EPP, 2006, p. 419](#)). No verso 19, Paulo enfatiza esse ponto: “Assim como ofereceram os seus membros para que fossem escravos da impureza e da maldade que leva à maldade, assim ofereçam agora os seus membros para que sejam servos da justiça para a santificação.” Ele contrasta o modo de vida passado dos

¹⁸ Os judeus, de forma reverente, evitavam usar o nome de Deus. Por essa razão, geralmente colocavam os verbos na voz passiva quando Deus era o agente da ação verbal. Esse fenômeno linguístico ficou conhecido como “passivo divino”. Assim, o uso da voz passiva nesse texto aponta para Deus como o agente tanto da libertação do pecado como da submissão dos crentes ao novo modelo de vida proposto pelo evangelho de Cristo.

crentes romanos com sua nova realidade.¹⁹ Eles anteriormente haviam oferecido (παρεστήσατε) seus membros como escravos da impureza e da maldade (τῆ ἀκαθαρσία καὶ τῆ ἀνομία), mas agora deveriam oferecê-los à escravidão da justiça para a santificação.²⁰

O texto enfatiza que o ato da libertação, provido pela morte de Cristo, que transfere os seres humanos do domínio do pecado para o domínio da graça, possibilitou a transferência de senhorio do pecado para o senhorio da justiça. O imperativo παραστήσατε (“ofereçam”) sugere que essa libertação deve ser seguida por uma entrega ao senhorio da justiça. E a presença de γὰρ no início da sentença indica que esse imperativo se baseia nos indicativos dos versos 17-18, fortalecendo o argumento de que a justificação deve ser seguida pela santificação.²¹ Isso fica ainda mais notório quando se percebe que παραστήσατε é um aoristo ingressivo puro. O aspecto verbal enfatiza o início de uma ação que deve ser continuada, ou seja, a santificação é um processo iniciado na justificação, mas deve continuar durante toda a vida do crente, até o dia da glorificação (Rm 8:18-25).²²

Os versos 20-23 enfatizam o que foi dito nos versos anteriores e contrastam os resultados inevitáveis de se entregar ao pecado ou se entregar à prática da justiça: “Porque, quando vocês eram escravos do pecado, estavam livres em relação à justiça. Naquele tempo, que frutos vocês colheram? Somente as coisas de que agora vocês se envergonham.²³ Porque o fim delas é morte. Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus²⁴, o fruto que vocês colhem é para a santificação. E o fim, neste caso, é a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.” Injustiça, vergonha e morte são os resultados inevitáveis de se entregar ao pecado, mas santificação e vida eterna são os frutos de uma vida de obediência a Deus em resposta ao sacrifício da cruz.

Considerações finais

A pergunta inicial de Paulo fica plenamente respondida quando ele demonstra que a condescendência com o pecado gera escravidão e morte, mas a obediência produz santificação para a vida eterna, concedida por meio do sacrifício de Cristo. É esse sacrifício que liberta do pecado, pois transfere o ser humano para o ambiente da graça, onde ele pode escolher entregar-se a Deus para uma vida de obediência e vitória. Somente por meio da obediência é possível exercer a liberdade provida por Cristo. Conclui-se, portanto, que Paulo, em Romanos 6:15-23, comunica

.....

¹⁹ O contraste pode ser percebido no verso 17 observando-se o uso do imperfeito habitual na frase ἦτε δούλοι τῆς ἀμαρτίας (“tendo sido escravos do pecado”) e do aoristo ingressivo ὑπακούσατε (“vocês vieram a obedecer”). No primeiro caso o aspecto verbal descreve uma ação habitual, enquanto no segundo aponta para o início de um novo estágio na vida dos crentes romanos, ou seja, o estágio da obediência. O mesmo contraste é feito nos versos 20-22 por meio dos marcadores temporais ὅτε/ὡς (quando/agora).

²⁰ Schreiner (1998, p. 337) sugere que, nos escritos paulinos, o termo ἀκαθαρσία geralmente se refere a pecados sexuais, enquanto o vocábulo ἀνομία denomina o comportamento pecaminoso em geral (cf. Rm 1:24; 2Co 12:21; Gl 5:19; Ef 4:19; 5:3; Cl 3: 5; 1Ts 2:3; 4:7). A combinação desses termos aqui provavelmente indica, de maneira geral, uma vida de dissolução. Assim, o resultado de entregar-se como um escravo à impureza e iniquidade é ἀνομίαν, uma vida caracterizada pela transgressão da lei de Deus.

²¹ A conjunção γὰρ fortalece o argumento que a precede. Ver Levinsohn (2000, p. 91) e Runge (2015, p. 37-39) para mais detalhes.

²² Para mais detalhes, ver: Wallace (2000, p. 318).

²³ Hill (2010, p. 73) acertadamente afirma que a linguagem usada aqui para descrever o pecado é uma reminiscência da descrição da maldade humana em 1:18-32, onde Paulo menciona “atos vergonhosos” (v. 27).

²⁴ Note-se a correlação entre “servos da justiça”, no verso 18, e “servos de Deus”, aqui.



a verdade profunda e paradoxal de que só é possível ser livre sendo escravo.²⁵ Essa abordagem contrapõe-se às interpretações mencionadas no início deste artigo por ver tanto a justificação como a santificação como respostas ao ato da libertação e não o próprio ato.

O texto ensina que através da morte de Cristo na cruz do Calvário, Deus quebrou o poder do pecado sobre a humanidade. Tal libertação deve ser seguida por uma entrega voluntária a Deus e pela obediência à sua lei, que, por sua vez, produzirão os frutos da santificação. Não se deve, porém, perder de vista que a vitória final sobre o pecado é descrita por Paulo como estando ainda no futuro, na glorificação (Rm 8:18-30), ocasião em que o crente em Cristo será liberto da natureza pecaminosa. Até lá, não pode haver ocasião de descanso, mas uma luta constante contra o pecado (Rm 7:15-25). Nessa luta, cada cristão deve depender inteiramente da graça de Deus e da certeza do seu amor (Rm 8:35-39). Por sua morte na cruz, Cristo pode perdoar todos os que vão a Ele em busca de perdão (Rm 8:31-34). Também pode e quer compartilhar o seu poder infinito com todos os que são perdoados, de modo que vivam uma vida de santificação e vitória.

Referências

BLACK, D. A. **It's still Greek to me: an easy-to-understand guide to intermediate Greek**. Grand Rapids: Baker, 1998.

BULTMANN, R. **Der Stil der paulinischen Predigt und die kynisch-stoische Diatribe**. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1910.

CARTER, T. L. **Paul and the power of sin: redefining "beyond the pale"**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

COUEY, J. B.; JAMES, E. T. **Biblical poetry and the art of close reading**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

CRANFIELD, C. E. B. **A critical and exegetical commentary on the Epistle to the Romans**. Londres: T&T Clark, 2004.

DESILVA, D. A. Patronage. In: EVANS, C. A.; PORTER, S. (Orgs.). **Dictionary of the New Testament background: a compendium of contemporary biblical scholarship**. Downers Grove: IVP Academic, 2000. p. 766-771.

DUNN, J. D. G. **Romans 1-8**. Dallas: Word, 2002. (Word Biblical Commentary, v. 38A).

FISHER, D.; FREY, N. **Close reading and writing from sources**. Newark: International Reading Association, 2014.

HILL, C. C. Romans. In: MUDDIMAN, J; BARTON, J. (Orgs.). **The Oxford Bible commentary: the Pauline epistles**. Nova York: Oxford University Press, 2010. p. 57-91.

JEWETT, R. **Romans: a commentary**. Mineápolis: Fortress, 2006. (Hermeneia).

KELLER, E. B. **Some paradoxes of Paul**. Nova York: Philosophical Library, 1974.

.....

²⁵ Para uma análise da forma como Paulo aborda o tema da escravidão e liberdade nos seus escritos, ver: F. Lyall (1970, p. 73-79). Para mais sobre os paradoxos paulinos, ver: Larry J. Waters (2010, p. 423-441); Edmund B. Keller (1974).



- KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- LAMP, J. S. The rhetoric of righteousness: an overview of Paul's argument in Romans 5-8. **The Asbury Theological Journal**, v. 60 n. 2, p. 55-66, 2005.
- LEE, J. H. **Paul's gospel in Romans: a discourse analysis of Rom. 1:16-8:39**. Leiden: Brill, 2010.
- LEVINSOHN, S. H. **Discourse features of New Testament Greek: a coursebook on the information structure of New Testament Greek**. Dallas: SIL, 2000.
- LYALL, F. Roman law in the writings of Paul: the slave and the freedman. **New Testament Studies**, v. 17, p. 73-79, 1970. <https://doi.org/10.1017/S0028688500014922>
- MATHEWSON, D. L.; EMIG, E. B. **Intermediate Greek grammar: syntax for students of the New Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2016.
- METZGER, B. M. **A textual commentary on the Greek New Testament**. 2. ed. Londres; Nova York: United Bible Societies, 1994.
- MOFFATT, J. The interpretation of Romans 6:17-18. **Journal of Biblical Literature**, v. 48, n. 3, p. 233-238, 1929. <https://doi.org/10.2307/3259726>
- MORRIS, L. **The Epistle to the Romans**. Grand Rapids: Eerdmans; Leicester: InterVarsity, 1988.
- PORTER, S. E. The argument of Romans 5: can a rhetorical question make a difference? **Journal of Biblical Literature**, v. 110, n. 4, p. 655-677, 1991. <https://doi.org/10.2307/3267664>
- RÖHSER, G. **Metaphorik und Personifikation der Sünde**. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1987.
- RUNGE, S. E. **Discourse grammar of the Greek New Testament: a practical introduction for teaching and exegesis**. Peabody: Hendrickson, 2015.
- SALLER, R. Patronage and friendship in early imperial Rome: drawing the distinction. In: WALLACE-HADRILL, A. (Org.). **Patronage in ancient society**. Londres; Nova York: Routledge, 1989. p. 49-62.
- SAMPLEY, J. P.; LAMPE, P. (Eds.). **Paul and rhetoric**. Nova York: T&T Clark, 2010.
- SCHREINER, T. R. **Romans**. Grand Rapids: Baker, 1998. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament, v. 6).
- SCHREINER, T. R. **Interpreting the Pauline epistles**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.
- SHEDD, W. G. T. **Commentary on Romans**. Eugene: Wipf and Stock, 2001.
- STADLER, T. D. Carta 4 – Plínio ao imperador Trajano. **Prometeus**, v. 11, n. 28, p. 15-16, 2018.
- STOWES, S. K. The diatribe. In.: AUNE, David E. (Ed.). **Greco-Roman literature and the New Testament: selected forms and genres**. Atlanta: Scholars Press, 1988.
- STOWES, S. K. Paul's dialogue with a fellow Jew in Romans 3:1-9. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 46, n. 4, p. 707-722, 1984.
- STOWES, S. K. **The diatribe and Paul's Letter to the Romans**. Chico: Scholars Press, 1981.



- TANNEHILL, R. C. **Dying and rising with Christ: a study in Pauline theology.** Eugene: Wipf & Stock, 2006.
- TURNER, M. Modern linguistics and New Testament. In: GREEN, J. B. (Org). **Hearing the New Testament: strategies for interpretation.** Grand Rapids: Eerdmans, 1995. p. 145-174.
- UMBACH, H. **Em Christus getauft, von der Sünde befreit: die Gemeinde als sündenfreier Raum bei Paulus.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999.
- VENTURINI, R. L. B. Relações de poder em Roma: o patronato e a clientela. **Classica**, São Paulo, v. 11-12, p. 297-305, 1998-1999. <https://doi.org/10.24277/classica.v11i11/12.466>
- VIARD, J.-S. Obéissance ou liberté: Redécouverte structurelle de Rm 6.15-23. **Science et Esprit**, v. 54, n. 3, p. 351-366, 2002.
- VIARD, J.-S. **L'identité chrétienne en Romains 6-8: analyse structurelle et narrative.** 359 ff. Tese (Doutorado em Teologia), Universidade de Montreal, Canadá, 2007.
- WALLACE, D. B. **The basics of New Testament syntax: an intermediate Greek grammar.** Grand Rapids: Zondervan, 2009.
- WATERS, L. J. Paradoxes in the Pauline epistles. **Bibliotheca Sacra**, v. 167, p. 423-441, 2010.
- WESTFALL, C. L. Changing allegiance: set free and Spirit-led (Romans 5-8). In: PORTER, S. E.; PANG, F. G. H. (Orgs.). **The Letter to the Romans: exegesis and application.** Eugene: Wipf and Stock, 2018.
- WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- WITHERINGTON, B.; HYATT, D. **Paul's Letter to the Romans: a socio-rhetorical commentary.** Grand Rapids: Eerdmans, 2004.